

12/

ARREBOL



8

Arquivando...

Do Ex.mo Senhor Secretário Adelino Pereira recebemos a oferta de duas das suas obras, com as seguintes dedicatórias:

1) RESENHA HISTÓRICA DO LARDE

"A Associação Académica de Nam-pula, pela gentil oferta do nº9 do "Arrebol" - mensagem espiritual de uma geração de que o Niassa pode orgulhar-se..."

2) OS ACHIRIMAS

"A Carlos Pais, pela compreensão inteligente e entusiasta que lhe mereceu o Museu Regional do Niassa..."

NÃO nos chamem vaidosos, nem peneirentos, nem outras coisas más deste género, ao acabarem de ler a página anterior e ao encetarem a leitura desta que quer ser como um grande risco vermelho sob essas palavras de pessoa tão culta como é o Sr. Secretário Adelino Pereira. Admitam antes que temos motivo sobejo para nos alegrarmos e para falar dessa alegria a todos os nossos amigos.

Estamos satisfeitíssimos. Essas palavras são para nós valiosíssimo conforto moral, poderoso impulso, para avançarmos no caminho que principiámos a trilhar, sabendo o que queremos, certos de que havemos de triunfar, mas um tanto ou quanto medrosos das insídias com que o futuro imprevisível nos possa "brindar".

Por isso, quando lemos a bela definição que o Sr. Secretário dá do "ARREBOL"—"mensagem espiritual de uma geração de que o Niassa pode orgulhar-se"—, cobramos novos alentos para a nossa carreira espinhosa e incompreendida, tomamos consciência do nosso ideal, sentimos o peso das nossas responsabilidades. Carreira, ideal e responsabilidades que abraçamos com o máximo das nossas forças, sempre no intuito de sermos uma juventude de que possa orgulhar-se o Niassa e Portugal. E pena temos de não sermos ainda uma juventude assim valorizada. Mas havemos de o ser, custe o que custar.

A REDACÇÃO

POESIA

M I N H A M ã E

Minha mãe, minha mãe idolatrada,
Eu amo-te

Como a ninguém,
Pois, sempre que és chamada,
A tua meiga sombra até mim vem!

Minha mãe, minha mãe idolatrada,
Tu amas-me
Como a ninguém!
Quantas vezes por mim, em dor, sonhada
A tua imagem,

Ante os pasmados olhos meus pela miragem
Dos desertos da minha vida amargurada,
É qual a da Virgem Mãe
Na gruta de Belém!

Minha mãe, minha mãe idolatrada,
Amo-te como nunca amarei a ninguém
Porque és a minha mãe!

Rui de Bivar
(3º Ano)

A NOSSA HISTÓRIA

Tem um capítulo de vez em quando...

Há tempos apresentámos uma colecção de anedotas da malta. Anedotas essas que saem sem querer, a maior parte das vezes, e outras são tentativas, quase sempre carentes de êxito, que um tipo faz para fazer rir a rapaziada.

Entre os "gajos" mais anedóticos cá do Colégio, podemos salientar o Cancela Calábria. Vejamos:

Há dias, o professor perguntou-lhe;
—O que é a respiração das plantas?
O Calábria:--É o aproveitamento do oxigénio.
O professor:--Muito bem! E que mais?
—E o desaproveitamento do anidrido carbónico.

--:-

Doutra vez, um aluno acabou de ler certa resposta do seu ponto, mas o Cancela não concordou e disse:

--Eu não tenho assim.
O professor:--Então como é que tens?
Cancela:--Não tenho nada. Não fiz essa!

x --- x

Outro, o ás da piada, é o D. Timótensco de Boronha ...Casca (Cipaio). As suas anedotas são dignas de figurar numa antologia de anedotas, e por alto preço...

Um dia, o professor:
—Ora diga-me, Sr. Timóteo, quais são as produções da Grécia antiga?

D. Timotensco:--Cercais...
—E qué mais?—pergunta o professor.

D. Timotensco olha a malta, pensa, torna a pensar e diz:--Bem... Havia ainda trigo, milho...

Mas, na nossa opinião, essa, comparada com a que ele disse ontem, fica a perder de vista:

O professor:—Diga-me, para que serve o aparelho urinário?

D. Timotensco, calma e refletidamente:—Para purificar as urinas.

—:—

Na correcção dum ponto, o professor fez-lhe uma pergunta e Timóteo não respondeu.

O professor pergunta-lhe:—Então o senhor não fez o ponto?

O Timóteo: Fiz sim, senhor professor. Fiz oralmente

—:—

Embora não tão anedóticos como as acima citados, o resto da malta também tem as suas anedotazinhas. Se a quem-se duas do Quartim; um dos organizadores desta colecção:

Estava-se a fazer a correcção do ponto de ciências Naturais.

O professor perguntou:

—Quem é que respondeu a esta pergunta: "Quais são as qualidades físicas da...?"

O Quartim levanta-se e diz:

—Eu, senhor professor!

O professor— Então o que é que respondeu?

Quartim—As propriedades físicas do chumbo são... (silêncio)

O professor:— Quais são???

Quartim:— Não fiz o resto.

—:—

No mesmo ponto vinha a seguinte afirmação: "A figura 7 representa uma forma cristalográfica em que cristaliza um mineral português".

Nesta altura, Quartim levanta-se e diz:

— O senhor professor dá-me licença?

— O que é que quer?

— Que diabo, senhor professor, os minerais agora também têm nacionalidade?

(Cont. na pág. 15)

???

CONTINUAÇÃO

— Há muitas coisas bonitas, mas, agora, não as posso ver porque tenho que tratar dos meus negócios.

— Não perca tempo por minha causa. Já vi muito. Até me doi a cabeça de tanto ver e ouvir.

Sem perder mais tempo, o fidalgo tratou de comprar as coisas que mais falta lhe faziam. Examinava, discutia preços e vantagens de compra, etc. e Ramiro, desta vez, sem fazer objeções, tudo ouvia com atenção e admirava as coisas mais extravagantes.

IX

Acabou a feira. O Sr. Raimundo mandou para a sua quinta todas as coisas que havia comprado.

Por mais três dias ainda, mostrou as belezas do Porto ao seu amigo. Visitaram cinemas, teatros, jardins, monumentos e tudo o que a Cidade Invicta tem de mais atraente. Levou-o ainda à estação de S. Bento e à Foz. Aqui, Ramiro ficou extasiado perante a imensidade do oceano. Não deixaram também de ver com demora o Porto de Leixões. A admiração do pequeno não conheceu limites ao ver os navios que pareciam grandes casas construídas sobre as águas do mar.

Por fim, estava familiarizado com todas estas coisas da vida moderna e quase já via tudo com a mesma naturalidade com que estava acostumado a ver os lugares mais pittorescos da sua aldeia.

Mostrava possuir boa inteligência, boa memória e adaptar-se bem aos costumes e etiquetas da alta sociedade.

O fidalgo estava contente por o ter trazido consigo. Era bom companheiro. Tinha-lhe tornado a viagem alegre. Já lhe custava deixá-lo agora.

Não podiam ficar mais tempo na cidade; era preciso voltar. Aprontaram as malas e, certa madrugada, deixaram a Cidade Invicta, ainda profundamente adormecida.

(Cont. na pág. 9)

POESIA

SAGRES



Símbolo desta Pátria minha amada,
Morada foi de intrépidos mareantes,
-Sagres,-de pedras toças e gigantes
Que o mar defrontam como dura espada.

As ondas rugem contra a ponta cusada,
E contra as feras gentes navegantes
Que em frágeis caravelas flutuantes
A Pátria sua fizeram sublimada.

Mas, ruge, a espada corta os mil caminhos
Que a um povo pequenino dão a glória
Dê em cada pugna ter uma vitória.

Em terra e mar—longe dos pátrios ninhos,
Muitos deles se cobrem de arminhos
Com que, a partir de Sagres, se fez a história.

Políbio Rosa da Silva
(5º ANO)

Raimundo montava um cavalo novo que tinha comprado e Ramiro montava o que tinham trazido.

Iam os dois calados, absorvidos em mil pensamentos.

Ramiro pensava nas coisas que tinha visto, como se iria contar aos seus amigos e, até já tinha saudades de se ver novamente na serra a guardar ovelhas. Tinha nascido para aquilo, mas, emfim...

Raimundo pensava na sorte que o futuro escondia nas suas mil voltas para aquele pobre zagal. Já que lhe tinha mostrado o caminho de uma vida desafogada e linda, custava-lhe, agora, deixá-lo abandonado às agruras da serra. Era casado, mas não tinha aventura de lhe nascerem filhos. Parentes--tinha-os, mas muito afastados e viviam bem. Porque não seria aquele o seu herdeiro? Tomaria conta da sua educação. Perfilhá-lo-ia e teria um óptimo continuador, trabalhador e inteligente, da obra que no mundo estava a fazer. Tudo isto dependia ainda da vontade dos pais. Mas qual é o pai ou mãe que não quer a felicidade do seu filho, ainda que, para isso, tenha de abandonar o lar paterno? Por aí podia estar seguro. O rapaz aceitaria de certeza. Sua mulher tratá-lo-ia bem, porque era bondosa e ainda porque, assim, mitigaria o desgosto de não ter filhos.

Cada um pensando em sentido diferente--um na vida que levaria daí em diante na serra e o outro na perfilhação do pastor pobrezinho -, caminhavam com tanta ligeireza e há já tanto tempo que não viam a cidade onde habitaram por alguns dias.

X

Dois longos dias levou o regresso à aldeia. Era já noite, quando bateram à porta da casa dos pais de Ramiro que ficaram muito satisfeitos. O filho parecia-lhes outro. Fato e sapatos novos, cabelo bem cortado e toda uma apresentação diferente da de pastor de ovelhas e de cabras. Parecia mais gordo, mais corado. Os ares do Porto tinham-lhe feito bem. Nem queriam acreditar que era o rapaz que dias antes, tinha saído de casa. Parecia um fidalgo.

Para os dois prepararam a melhor ceia que puderam. Rami-

ro não resistiu à tentação de ir naquela mesma noite entregar a corneta ao seu amigo Toino.

Era, de facto, uma linda corneta de barro que lhe tinha trazido. Tinha um som terrivelmente estridente. Seria envejada por todos os rapazes das redondezas. É claro que também tinha trazido uma para ele e outra para seu irmão mais pequeno.

Ao outro dia, Ramiro ainda não saiu com o rebanho. O Sr. Raimundo reuniu a família e fez-lhe a proposta que, durante a viagem, concebera. Todos ficaram admirados. Não esperavam tal coisa. Chegaram a pensar que o fidalgo não estava a regular bem da cabeça, mas, depois, convenceram-se que era bondade e nada mais.

Aos pobres camponeses muito custava dar o filho ao fidalgo. É certo que tinham mais, mas aquele era o mais velho, e era seu filho. Por nada deste mundo, porém, lhe estragariam um futuro brilhante. Ramiro muito queria também aos pais, custar-lhe-ia deixá-los, mas já estava afeiçoado ao bondoso fidalgo.

Nesse mesmo dia, o Sr. Raimundo foi para a sua quinta. Não levou logo Ramiro, porque este quis ficar mais alguns dias com os pais e guardar as suas ovelhas e cabras mais uma vez.

O resto do dia passou-o a contar aos companheiros o que vira por onde tinha andado aqueles dias e a dar-lhes a nova de que os ia deixar para sempre. Todos o invejavam e tratavam já com respeito.

Ao outro dia, quiz ainda pela última vez levar as ovelhas à serra. Saiu mais cedo do que era seu costume. Todos os lugares por onde passava lhe pareciam dizer adeus. Tudo ele contemplava com admiração e ternura, com certeza pela última vez. Até as ovelhas lhe pareciam mais meigas, o cão mais amigo e a serra mais suave. A merenda scube-lhe melhor. Subiu aos penedos mais altos para contemplar horizontes mais vastos. Bebeu água de todas as fontes que conhecia e fez provisões de todos os frutos silvestres que conhecia.

Enfim, chegou a noite sem ele dar por isso. as ovelhas já se tinham juntado ao pé dele, como a convidá-lo para o regresso.

A todás deitou um olhar de ternura e afagou o cão. Regressou ao povoado. A Lua Cheia brilhava no céu, quando encerrou as ovelhas no curral, pela última vez na sua vida.

Ao entrarem casa, viu que já lá estava um criado do Sr. Raimundo para o levar. Partiria no dia seguinte, de manhã. À pressa, foi-se despedir dos amigos, não esquecendo o Toino que seria o seu sucessor, enquanto o seu irmão se não fizesse mais homem.

De noite, quase não pregou o olho. Parecia-lhe imensa a noite. Tinha vontade de se levantar, porque precisava de respirar ar puro.

Sentiu que a mãe se levantara a preparar-lhe o farnel para a viagem. Levantou-se também e foi fazer-lhe companhia.

— Vai-te deitar, filho, que ainda é muito cedo e a viagem é longa.

— Não consigo dormir, mãe. Quero fazer-lhe companhia.

Ainda o Sol não tinha rompido, e já estava pronto para a partida. O criado segurava os cavalos pelas rédeas.

Ramiro abraçou os pais e irmãos e prometeu vir visitá-los, quando pudesse. Desfeito em lágrimas, deixou-os ficar junto à porta de casa.

Já rompia o Sol por entre os montes que erguiam seus picos para o céu como formidáveis agulhas e Ramiro encontrava-se em plena serra, não atrás do rebanho mas a caminho da felicidade.

La absorto em pensamentos vários, quando, sem o esperar, bate com os olhos no enorme penedo a que costumava trepar para vigiar as ovelhas. Veio-lhe à lembrança que ali vira pela primeira vez o fidalgo. E, tal como outrora, subiu ao penedo, não para ver os longes das montanhas, mas para dali ver os seus caminhos do futuro, sob a protecção do rico fidalgo da Quinta das Rosas.



FIM

JOÃO VIEIRA PEREIRA

(5º ANO)

A Semana

"HISTÓRIA AOS QUADRADINHOS"

1 Numa cidade norte-americana, aconteceu que um pai ao verificar que o filho ia perder o ano escolar por passar o tempo a ler "comics", dirigiu-se à livraria, debruçou-se sobre as bancas e destruiu quantas revistas do género lá encontrou. O livreiro, como é natural, enfureceu-se e ameaçou levar o caso para tribunal, ao que o pai respondeu, tranquilamente:

—Na verdade, devo pagar-lhe as revistas desfeitas. Mas você terá que indemnizar-me também pelos prejuízos que as suas revistas me causaram. O ano que o meu filho perdeu e a projecção deste facto na sua vida—dez mil dólares, para não pedir muito.

Isto passou-se na América, no país das mil "excentricidades".

Em Portugal, seria um escândalo: o pai considerado doido e o livreiro compensado do seu prejuízo.

Mas quem indemniza as perdas irreparáveis que causam esses "Guris", "Cavaleiro Andantes", "Capitão Águia", "Flash Gordon" e tantos outros?

As pessoas que criticariam o pai por ele destruir as revistas, provavelmente, uma tremenda sova nos filhos, se estes perdessem o ano e, talvez a maioria os proiba de aparecer com revistas brasileiras em casa.

Essas revistas, repletas de heróis, assassinos e raparigas bonitas, são actualmente a atracção da mocidade.

Os brasileiros bendizem o Brasil, alfobre de tão boa ideia, que lhes enche a bolsa.

Mas deve, na verdade, louvar-se o Brasil por deitar fora tais revistas?

O tal pai americano tem, sem dúvida, razão ao praticar a cena atrás lembrada.

Os jovens de hoje disputam avidamente o "Guri" e revistas semelhantes, desprezando os livros próprios da sua idade, que os pais lhes oferecem.

—Ora! Ler esses livros compactos e maçudos, quando se têm revistas ilustradas! E que ilustrações!...

Nas escolas, vêem-se rapazes dos oito aos doze anos glorificando o Hopalong, O Flash, a Nicka, imitando-os, desejando ardentemente vir a poder igualá-los.

Esses Hopalongs e Flashes levam, (na imaginação dos Autores, evidentemente, mas as crianças capacitam-se da sua existência real) uma vida cheia de aventuras, de emoções, de pancadaria e de glórias.

Ora, isto para os nossos rapazes é irresistível (e leva-os a devorarem todas as páginas em que aparecerem os seus heróis!

—E os livros de estudo?

—Estudo?—responderão os rapazes, ainda não cheguei ao meio deste "Cavaleiro Andante", e...

Mas, embora o facto de perderem o tempo a apreciar os seus heróis seja condenável, há outro muito pior.

Os apreciadores das histórias aos quadradinhos procuram muitas vezes imitar os seus heróis. Fi-los feitos galãs, aventureiros, despreocupados, ativos.

Este diz baboseiras a uma menina que passa, tal como faz um jornalista da sua colecção. Aquelle insulta os companheiros, provoca pancada, põe um olho negro a um colega, parte vidros das janelas, para mostrar quão des^{de}temido é. Outro, à semelhança do seu cowboy apreciado, que partira a cabeça ao professor, antes de usar revólveres, recusa ficar de pé, por estar a distrair um colega.

Tudo isto são frutos das histórias aos quadradinhos.

É natural. Uma criança é facilmente sugestionada por estas histórias, pois não reflecte nas consequências que podem advir.

Mas, por que razão deixam os pais comprar tais revis

tas aos filhos?

—Nem todos deixam, responderá um chefe de família sensato. Eles, porém, arranjam-nas emprestadas, ou compram-nas com o dinheiro que lhes dou para pagar o eléctrico, para gelados, etc.

Ideia justa.

Enquanto haja nas livrarias revistas destas à mão da mocidade, os pais não conseguirão nunca impedir os filhos de as lerem.

Mas, porque não acabar com os "Flash" "Gordon" e outros heróis do género?

Nada perderia a cultura nacional. Até, pelo contrário, muito teria a ganhar para a perfeição da língua e para a maior profundidade do pensamento dos Portuguezes.

A. FREITAS LEAL

(4º ANO)

2 ABAIXO ASSINADO DE UNS HONRADOS BURGUESES
INJUSTAMENTE ALCUNHADOS DE NOBRES, ETC.

NOTA— Deu-se uma cisão no seio da Nobreza. Desconhecem-se as causas, os verdadeiros motivos que determinaram esse rompimento.

O certo é que nos veio ter à mão o abaixo-assinado que publicamos a seguir.

A REDACÇÃO

Os abaixo-assinados, Cancela Calábria, Seco e Touças, vêm declarar, publicamente, que não fazem nem nunca fazem parte da nova "seita" de nobres que por aí apareceu há algum tempo, cujos membros se distinguem à légua pelas bem applicadas "calinadas" que soltam.

Deve, pois, ter havido certa confusão por parte do artista João Coco, ao incluir-nos na tal "sociedade".

Estamos convencidos de que ainda sabemos compor uma frase e dizer duas ideias acertadas, ao contrário do

que acontece com esses nobres, que, "permita-me" (é assim que eles falam) esta afirmação, só sabem falar de criados e outras futilidades idênticas!

Mesmo, embora fossem honrados e trabalhadores, os nossos antepassados nunca usaram o DOM antes do nome.

E, agora, se nos permitem, vamo-nos dirigir a Suas Altezas... Bem sabemos que é ousadia, mas eles perdoam..

Abandonai, por momentos, as altas regiões em que passeais a vossa categoria e as vossas calinadas, e vinde visitar os baixos da sociedade, onde nós, os humildes burgueses, vegetamos. Conosco aprenderéis a falar, e a comportar-vos como verdadeiros fidalgos.

Nós, que de maneira alguma queremos fazer parte da nobreza, poderemos distribuir entre vós o Orango e o Tango do Calábria, e todos os títulos que ainda sobejarem.

Gscar Touças, esse, doa-vos de boa mente a capela, onde celebrava a missa que vós escutaveis tão devotamente...

Compusemos este arrazoado, para que toda a gente saiba que nós não somos nobres, pois os honrados burgueses começaram, já, a por-nos de parte.

Nampula, 4 de Junho de 1955

Ass.) CALÁBRIA

SECO

TOUÇAS

(continuação da pág. 6)

Agora, segue-se uma do Bráulio, outro organizador desta colecção "preciosa" de anedotas:

A traduzir Public Holiday, Feriado Público, em português lembrou-se da seguinte coisa excelente para estudantes pobres:

-- Casa pública de férias.

Pais é outro tipo fértil em anedotas. Numa ocasião, num ponto de Português, o Bráulio, seu amigo e compadre, perguntou-lhe, aflito, como é que se escrevia cortês. Pais pensa um bocadinho e diz baixinho:

—Olha, pá, não me lembro bem, mas tenho a impressão que é com s ou com z.

—:—:—

A terminar, apresentamos uma do Orlando Magalhães, na aula de Ciências.

Orlando afirmava, convicto, que os caracóis se alimentam de borboletas.

O professor combatia essa afirmação, dizendo:

—Ora! Como é que um animal tão vagaroso havia de apanhar uma borboleta, tão veloz?

O Orlando, cada vez mais convencido:

—Quando elas estão a dormir!

BRAULIO FLOR
QUARTIN COSTA
(5º ANO)

SUMÁRIO:

Arrebol

ARQUIVANDO-----	2
MINHA MAE-----	4
A NOSSA HISTÓRIA-----	5
? ? ?-----	7
SAGRES-----	8
A SEMANA-----	12

SÉRIE III+Número:----- 13

4 de Junho de 1955

DIRECTOR: Arnaldo Freitas

Leal

EDITOR: Fernando da Silva

Inácio Gil

ADMINISTRADOR: Rui Bivar

ILUSTRAÇÕES: António Ocelho

REDAÇÃO: Colégio-Liceu

VASCO DA GAMA

N. A. M. P. U. L. A.

